

COTIDIANO E ASPECTOS IDENTITÁRIOS DA FESTA DE ITAPUÃ

Débora Matos Maia¹

Pedro Rodolpho Jungers Abib²

Resumo: O artigo apresenta discussões sobre o processo de reconstrução de práticas culturais e seus efeitos sobre as identidades coletivas por meio da análise do espaço urbano e da festa religiosa. O evento escolhido, a Festa da Lavagem, permite que se estabeleça diálogos com a economia local, os processos informais de educação e a construção de identidades, conformando o exercício da cidadania. A pesquisa que deu origem a este texto³ objetivou perceber como a festa produz sentidos e significados no cotidiano da comunidade de Itapuã do ponto de vista da educação e da identidade. Buscou-se a partir da pesquisa de campo, compreender, sentir, olhar, escutar as pessoas do bairro/comunidades, utilizando estratégias etnográficas.

Palavras-chave: Identidade. Cotidiano. Festa de Itapuã.

1 INTRODUÇÃO

O território de Itapuã sofreu mudanças em seu espaço com o decorrer dos anos, acompanhando as mudanças na cidade de Salvador, influenciadas por transformações a nível global, ou seja, que refletiram no local, afetando consequentemente os espaços das expressões culturais.

A Festa de Itapuã foi escolhida por ser o maior evento cultural do bairro, que consegue mobilizar quase todos os grupos e pessoas envolvidas com a arte e cultura local, trazendo repercussões que afetam o cotidiano compartilhado e aspectos identitários. A partir de toda a problemática aqui apresentada, surgem as seguintes

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal da Bahia- UFBA. E-mail: deboramatosmaia@gmail.com

² Doutor em Ciências Sociais aplicadas à Educação pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: pedrabib@gmail.com

³ Dissertação de Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, Intitulada: "Educação e Identidade: A Reconstrução Cultural da Festa de Itapuã".

questões: Como uma identidade territorial se transforma em uma identidade de reconhecimento? Como a festa se configura enquanto espaço e tempo singular no jogo das identidades? De que maneira as expressões e vibrações culturais festivas da Lavagem têm contribuído do ponto de vista formativo?

A sociedade contemporânea cada vez mais contribui para a transformação dos ambientes público, social e cultural. Desse modo, as manifestações e eventos proporcionam afirmações e confusões identitárias que em meio a tensões entre os objetivos diversos das pessoas que deles participam, tem percebido a importância da mobilização popular no sentido de assumir suas expressões culturais, fundamentais para a valorização da cultura de um lugar, dos espaços onde elas se realizam e de como elas acontecem.

O objetivo foi perceber como a festa produz sentidos e significados no cotidiano da comunidade de Itapuã do ponto de vista identitário, focando a relação da Lavagem com os processos formativos no contexto organizativo e das manifestações culturais no bairro. Foram adotadas estratégias etnográficas na qual a observação participante junto a treze entrevistas aplicadas a moradores envolvidos com a festividade e cultura popular foram feitas.

No primeiro momento são apresentados brevemente as transformações do bairro de Itapuã e aspectos do cotidiano que influenciaram na construção da Festa no ano de 2011. Esta por sua vez é apresentada no segundo momento como um evento cultural comum na cidade de Salvador, as Festas populares, de Largo, e que tem desencadeado no bairro ações que mobilizam pessoas, entidades e poder público. Por fim, são tecidas algumas considerações e proposições a respeito do que foi apresentado.

2 ITAPUÃ, TRANSFORMAÇÕES E COTIDIANO

A cidade de Salvador foi crescendo, urbanizando-se e se preparando para atender às demandas impelidas pelo mundo da competitividade, capitalista, mesmo sendo habitat de uma população com uma série de comunidades que convivem com a diversidade em seu cotidiano. Através das relações do seu povo com o capital, o mercado, o comércio e o trabalho, a cidade atuou como um ímã, atraindo pessoas de diferentes lugares à procura de emprego e moradia, que, na tentativa de estarem próximas aos centros, centralidades e também ao seu local de trabalho, passam a ocupar em massa os espaços que ficam às margens da cidade.

Segundo Magnani (2003, p.29), “as populações dos bairros da periferia dos grandes centros urbanos são em sua maioria constituídos por trabalhadores de baixa renda, de origem rural recente ou remota, inseridos de diferentes maneiras no aparelho produtivo capitalista.” Assim, estes fazem parte de uma complexa rede social, que possui conflitos diversos.

O próprio mundo se instala nos lugares, sobretudo as grandes cidades, pela presença maciça de uma humanidade misturada, vinda de todos os quadrantes e trazendo consigo interpretações variadas e múltiplas, que ao mesmo tempo se chocam e colaboram na produção renovada do entendimento e da crítica da existência. Assim, o cotidiano de cada um se enriquece, pela experiência própria e pela do vizinho, tanto pelas realizações atuais como pelas perspectivas de futuro. As dialéticas da vida nos lugares, agora mais enriquecidas, são paralelamente o caldo de cultura necessário à proposição e ao exercício de uma nova política. (SANTOS, 2009, p. 173).

Na atmosfera cotidiana do presente em Itapuã existe tanto o contato direto com a poluição sonora, excesso de carros, ônibus, pouca presença da natureza, como também ambientes tranquilos, com crianças brincando nas ruas, cavalos soltos, chão de barro, árvores e sons de passarinhos. Embora seja um polo de atração turística, tem-se consolidado principalmente como bairro de residência, em que a sua paisagem está mesclada com as belezas naturais, praias, dunas e lagoas, com prédios, casas de pescadores antigas, casas com arquiteturas modernas, condomínios e favelas.

Os espaços públicos onde os encontros entre pessoas deveriam acontecer são diminuídos em “número e tamanho”. Os locais de encontro eram onde se criavam as normas, que, por sua vez, distribuídos horizontalmente por interlocutores, constituíam uma comunidade. “Por isso um território despojado de espaço público dá pouca chance para que as normas sejam debatidas, para que os valores sejam confrontados e negociados.” (BAUMAN, 1999, p.33).

As mudanças fazem parte da realidade das sociedades atuais e têm trazido como consequência, entre tantas, as confusões identitárias, pois os indivíduos não mais se veem como seres sólidos e fixos, mas fragmentados e dispersos a depender de cada momento e ambiente. Essa convivência com a diversidade cultural contribui para que identificações com diferentes representações aconteçam, no entanto esse fato tem resultado no que Hall (2006) chama de “crise de identidade”, na qual todos que fazem parte dessa globalização estão predispostos a passar. Da mesma forma que os indivíduos apresentam respostas a toda essa crise interna, com seus deslocamentos identitários, as

comunidades locais também têm produzido reações, homogeneizando-se ou fortalecendo-se, abrindo espaço para novos modos de articulação.

Com isso, a antiga organização social de Itapuã foi modificando-se, recebendo pessoas de todas as classes socioeconômicas, transformando-se em um dos maiores bairros da cidade, que ainda conta com uma comunidade que tem forte sentimento de pertencimento com o lugar e procura discutir e se organizar em função do fomento de uma identidade Itapuanzeira não apenas voltada para quem nasceu, o nativo, mas no sentido de acolher as pessoas que se envolvem no cotidiano compartilhado que forma e passa o jeito de ser e estar naquele lugar.

Desde o início dessa urbanização e inserção de infraestrutura, percebe-se que os atores sociais procuraram manter seus vínculos comunitários e o que vem contribuindo, dentre outros fatores, para que os moradores de Itapuã mantenham sua identidade com a espacialidade são os vínculos sociais entre os habitantes e também o envolvimento destes em ações, eventos e manifestações culturais, que acabam por colaborar e contribuir para o fortalecimento identitário com o lugar. Esse contato próximo dos indivíduos estimula e fortalece o sentimento de pertencimento nos sujeitos, que passam a se implicar, interessar e discutir questões que envolvem todo o bairro, estimulando dessa forma o exercício da cidadania.

Certeau (1994, p. 100) nos diz que "a tática é a arte do fraco", e realmente, no sentido de que não se pode medir forças com um elemento muito mais poderoso, pois sabe-se que a derrota será certa, mas é possível dentro de uma estratégia se utilizar de táticas para ir abrindo caminhos diversos, que um dia podem vir a se juntar para atingir um objetivo maior. Nesse sentido, a estratégia também pode ser utilizada pelos fracos, mas estes precisam estar organizados a tal ponto para poderem jogar o jogo de poder com astúcia, estando nos lugares e agindo de forma inesperada para aproveitar os espaços e momentos. Assim, as estratégias apontam para uma resistência, que se apoia no tempo e "as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder.". (CERTEAU, 1994, p. 102).

Desse modo, as desigualdades sociais podem ser enfrentadas através dos sujeitos com suas "artes de fazer". Certeau (1994, p. 42) explica que a cultura popular se apresenta de diferentes formas, mas essencialmente em "artes de fazer", ou seja, maneira de pensar traduzida em uma maneira de agir, na qual mistura combinações e utilizações diversas. Magnani (2003, p.26) argumenta que "aquelas festas, rituais,

tradições populares e formas de entretenimento constituem um espaço fecundo para a análise desse processo de mudança”. Para o autor, as transformações fazem parte da cultura, e ao invés das lamentações pela suposta perda de autenticidade, esta deve ser observada como um constante processo de recriação e que vem acompanhando a história da convivência entre as pessoas.

Dessa maneira, trazendo para o nosso campo de estudo, os indivíduos no seu cotidiano se utilizam de táticas diversas, como é o exemplo do que vai ser mais bem desenvolvido no próximo tópico na qual a Festa de Itapuã, que passou por mudanças estruturais, estando durante anos mais voltada para o turismo, para a exploração midiática, com pouca preocupação com as tradições, passa por um processo de retomada de sentido e significado pela comunidade local. Estes e outros fatos fazem parte na verdade de uma mesma estratégia, a de reconstruir a identidade cultural local. Portanto, a convivência nas manifestações, festas e eventos culturais ensina, socializa conhecimentos, hábitos, costumes, ideias, jeitos de ser e estar, sendo a festa da lavagem o evento a ser aqui analisado por ser o maior evento cultural do bairro de Itapuã.

3 A FESTA DE ITAPUÃ

A festa da Lavagem de Itapuã existe desde 1906 e, após mudar de data para não chocar com outras festas da cidade, acontece atualmente na quinta-feira anterior ao carnaval, em louvor a Nossa Senhora da Conceição, padroeira do bairro, sendo a última festa de largo do calendário de festas populares.

Muitos estudiosos apenas voltam o seu olhar para a religiosidade e tradição da festa, esquecendo-se de mencionar todos os campos que estão ligados ao evento cultural. A festa de Itapuã é um evento de caráter histórico, social, econômico, político, cultural e educativo para sua comunidade.

A importância da festa está ligada a aspectos formativos e culturais, onde são aprendidos valores, conhecimentos, questões históricas e postos em socialização um grande número de indivíduos. É um ato de celebração, que tem motivos variados para a sua realização, normalmente ligados à fé, com momentos que vão desde o “sagrado” ao “profano” unidos no mesmo espaço. Nesse sentido, as festas são espaços de socialização, que proporcionam o contato das pessoas entre si e destas com a cultura local. É o encontro de várias pessoas e suas crenças, que aprendem umas com as outras observando, refletindo, conversando e vivendo os momentos compartilhados.

Para os entrevistados, são necessárias à vida do ser humano, agregam as pessoas que estão inseridas naquele momento como parte integrante e atuante, como, também, têm a sua importância na tradição, devendo ser pautadas na representação da história pelos grupos a partir de temáticas que rememorem o passado, levando-se em consideração o presente, sem esquecer de pensar no futuro.

[...] a cultura é que agrega, a cultura é que dá a eles (indivíduos) o mínimo de prazer em estar vivo. Então essa coisa de achar que a festa é algo supérfluo na vida das pessoas é um equívoco. O acesso a cultura, o lazer, se ver na cultura como parte itinerante daquela manifestação, é você manter vivo, é como parte do seu corpo, não é apenas de alimentação, como pão, água, carne, farinha, feijão, não, a cultura também é um alimento necessário ao corpo e ao espírito do Itapuanzeiro, das pessoas em geral, sobretudo do Itapuanzeiro. (Bujão).⁴

Segundo Magnani (2003, p.33), “antes de concluir, portanto, pelo caráter conservador ou contestatório das manifestações de cultura e entretenimento populares, é preciso estar atento para os significados de que estão investidos”. Assim, a festa da lavagem de Itapuã possui um significado que tem relação com tradições familiares, com a tradição do lugar e ainda com a frequência de participações no evento cultural, no qual qualquer pessoa pode vir a se inserir e dar a sua contribuição.

No entanto, a inserção de uma visão mais comercial das lavagens aliada a uma nova forma das pessoas se divertirem influencia diretamente na constituição da festa de Itapuã, que passa a sentir o enfraquecimento das suas tradições em função de uma nova lógica atuante, causando atualização da mesma.

“Os trios invadiram as festas de largo, que em grande medida se desestruturam” (SERRA, 1999, p.21). Estes distanciam os brincantes dos grupos culturais menores que têm relação com o lugar. Para Serra (1999, p.22), “no largo a passagem eletrizante cria núcleos móveis e trajetórias estocásticas que distraem do lugar festivo [...] e esta anarquia simbólica parece ser uma vocação de trio.” O trio elétrico para Serra (1999, p.28) significa uma máquina móvel de música e segundo ele mobiliza hábeis empresários, criativos dirigentes dos “blocos de trio” e os capitães da nova indústria carnavalesca. A ideia é ultrapassar os limites da circunstância festiva que foi seu ponto de partida e transpor o quadro de programas ajustáveis.

⁴ é morador do bairro de Itapuã desde que nasceu, filósofo, faz parte da AMI e compôs a comissão de organização da lavagem, sempre muito ligado aos processos políticos do lugar. Entrevista concedida no dia 11 de dezembro de 2011.

Nesse contexto, durante um período, a lavagem de Itapuã sofreu algumas mudanças em sua estrutura e forma de organização, o que resultou na inserção de trios elétricos e grupos midiáticos, participando de uma manifestação que sempre se pautou na tradição dos seus antepassados e nas manifestações culturais locais. Para Milton Santos, as novas condições técnicas deveriam fortalecer as sociedades ao tempo em que deveriam ampliar o conhecimento do planeta, no entanto, elas são utilizadas por poucos atores em função de seus objetivos particulares. (SANTOS, 2009, p. 38-39). Os grupos culturais foram relegados para segundo plano enquanto que grupos midiáticos assumiram o foco.

Ao falar sobre a época dos trios elétricos, Amadeu descreve como a festa foi descaracterizada, na qual as pessoas que passaram a se envolver com a festividade não tinham comprometimento com a tradição e nem o lugar, gerando conflitos diversos. Para ele, não há problema em ter trio, contanto que seja para “o compartilhar com o intuito do reconhecimento de um olhar para o outro.” Ou seja, no sentido de integrar as pessoas que moram no lugar, já que uma reclamação comum tem sido a questão da relação da população nativa, antiga, com os novos moradores do bairro.

Nesse momento, enquanto alguns moradores antigos se recolhiam, se mudavam, se afastavam, outros passaram a se mobilizar, a resistir no sentido de não deixar que a festa mergulhasse profundamente nessa lógica e tal movimento começou a mexer com o sentimento de pertencimento e a aproximar novamente as pessoas pela solidariedade de estar lutando pelo mesmo objetivo, que era e ainda é não deixar que as tradições do lugar percam seu sentido, pois estas são os pilares principais da cultura local itapuanzeira, como traz Ives em seu depoimento.

A festa é algo que, é essa coisa que é bem itapuanzeira, também eu acho que de outros bairros da cidade, mas eu acho que Itapuã tem isso com muita visceralidade. Que eu acho que incorpora muito esse lado da comunidade. Então foi isso que de certa forma nos uniu, por que a gente sabe da importância que isso tem. A gente conseguiu talvez estabelecer com muita clareza esse sentimento de pertencimento e da importância que isso tinha e tem para a comunidade. Então a questão da lavagem, a gente ouviu muitas famílias tradicionais dizendo, “mas a festa sempre foi nós que fizemos, a festa é nossa, é da nossa comunidade, não é pra turista. Se vai ter 50 baianas ou 200 baianas não interessa, o que interessa é que estejam as 50 baianas que sejam nossas, isso não é pra turista ver, isso é que precisa ficar estabelecido. Porque essa foi a política, infelizmente que fizeram, parece que a festa ela está somente vinculada pra quem vem consumir, que é algo que precisa ser

dimensionado. Consumir o quê? Se não, a festa perde o cerne, que é o que tem de simbólico e o que tem de significado. (Ives).⁵

A convivência e aproximação das pessoas foi aos poucos transformando o lugar dividido num só lugar, mas que não deixou de ser cheio de conflitos. Algumas pessoas da comunidade, descontentes com a forma que a festa estava sendo realizada, pois além de descaracterizar a lavagem, vinha apresentando crescentes e altos índices de violência, vão buscar meios que pudessem retirar o trio elétrico da festa, fato que provocou uma série de discussões, inclusive porque muitas pessoas lucravam com isso. Depois de muitos debates, os trios elétricos são retirados da lavagem de Itapuã e com eles todo o dinheiro que era injetado na festividade.

Para Eufrázia Santos (2006, p.20), “se de um lado os órgãos de turismo sabem utilizar a riqueza e densidade dessas manifestações para fins turísticos, por outro, esses grupos conseguem valer-se desse espaço festivo para encenação de suas identidades.” Desta forma, a festa proporciona uma liberdade que foge às regras pré-estabelecidas no cotidiano. É palco de performances de pessoas anônimas e invisíveis. Estes por sua vez, utilizam a festa como um dia de fama, de reconhecimento, mesmo que em seu cotidiano sejam esquecidos pela sociedade. A festa é também “palanque de politicagem”, que tem por detrás todo um interesse de políticos em se utilizarem para que em um futuro próximo, nas eleições, venham a ter apoio das lideranças do lugar. Além disso, é também ponto de encontro da comunidade local e espaço propício ao intercâmbio de culturas.

A festa consegue reunir uma diversidade cultural no mesmo espaço. São muitas as identidades que se utilizam dos gestos, música, dança, performances, batuques, sons, instrumentos, etc. Os deslocamentos identitários fazem parte do festejo em que é possível se identificar com apenas alguns momentos, grupos ou com todos eles. A liberdade de escolha permite que o indivíduo possa aproveitar a festividade como lhe convém.

As lideranças da lavagem de Itapuã passam a tentar conciliar o lado solidário de fazer a festa com a lógica comercial que a ronda, com a verba do poder público, tudo isso no sentido de fazer o evento acontecer de maneira sustentável. Assim, a comunidade nativa participante desse processo de educação política, ao decidir o que

⁵ Morador de Itapuã desde que nasceu, artista plástico, membro da AMI, fundador do Grupo Cultural Galera do Mar, no qual insere-se a “baleia”, mais conhecida como “festa da baleia” e o “bando de papel”. Entrevista concedida no dia 28 de outubro de 2011.

deseja o coletivo atuante no bairro começa caminhar no sentido de sua própria formação, aprendendo a desvendar na realidade o melhor para maioria.

3 A LAVAGEM NATIVA ATIVA

Em que se transformou a festa de Itapuã? Espaço de tradição, mas que permite a convivência da diversidade? Espaço de conflitos? Espaço de identificações? Ou tudo isso a depender do foco que se dá em determinados momentos?

O significado do nome Nativa Ativa é uma forma de levantar a bandeira de que o povo retoma a direção da festa independentemente de promessas de contribuições alheias, lembrando como tudo surgiu inicialmente, quando a festividade acontecia a partir de doações da própria comunidade unida em torno da tradição.

Se tirou os trios elétricos e aí os nativos tiveram que assumir a festa, “agora a festa é nossa”, e aí todo mundo retornou com seus arrastões, suas apresentações, começou levar realmente o que Itapuã tem para a lavagem. O que Itapuã tem de melhor na sua cultura, começou a levar para a lavagem, que tinha se perdido. [...] pra você ver, todo mundo que estava um pouco afastado voltou para fazer a festa, então os filhos da casa fizeram a festa dentro de casa, então por isso que foi considerada a festa dos nativos. (Biriba).⁶

Cada ator social interpretou esse título da sua maneira, a partir do empoderamento da comunidade, que mostrou que o povo quando quer é capaz de resistir e buscar meios para legitimar a sua luta que sempre existiu em torno da preservação da sua cultura.

A comunidade então - através de uma comissão organizadora formada por vários segmentos representativos, grupos culturais, entidades e moradores - acaba por se reunir antecipadamente para discutir uma proposta de organização, programação e realização da lavagem de 2011, que teve como inspiração a ideia de divulgar a história, fortalecer a identidade e permitir a expressão da diversidade cultural que habita o bairro.

Assim, a festa de caráter popular se inicia muito antes do dia do evento. Desde os primeiros momentos de organização e mobilização da comunidade de Itapuã, a festa começa a ser vivenciada, sendo o seu dia apenas a materialização do que foi planejado.

⁶ Morador do bairro de Itapuã desde que nasceu, praticante de capoeira há 23 anos, fundador do grupo “Vadiação Capoeira”. Entrevista concedida no dia 09 de novembro de 2011.

É na imaginação de muitos moradores, logo após a última festividade, que se inicia. Há toda uma reflexão dos pontos negativos e positivos, é um aprendizado através da práxis, na qual se garante a tradição ao mesmo tempo em que se permite a criação ou recriação.

Segundo Milton Santos (2009, p.55), “nossa grande tarefa, hoje, é a elaboração de um novo discurso, capaz de desmistificar a competitividade e o consumo e de atenuar, senão desmanchar, a confusão dos espíritos.” Para isso, é preciso conscientizar. Frei Betto (2000, p.29) explica que “conscientizar é passar da consciência ingênua para a consciência crítica”. Com esta última o indivíduo tem a possibilidade de refletir sobre a sua vida, que por sua vez se insere num contexto mais amplo, pensar sobre ele e perceber que conseqüentemente este contexto reflete de formas diferentes na vida de cada um.

Os níveis de conscientização vão desde aqueles que percebem a importância da cultura, àqueles que parecem não viver no mesmo contexto que os vizinhos. Existem aqueles que participam, mas não ajudam nos processos organizativos. Aqueles que criam grupos e passam a discutir dentro da sua redoma algumas questões e fazem seus movimentos. Aqueles que apenas participam olhando. Aqueles que se envolvem em tudo que podem. E por aí vai... Então, torna-se necessário atentar os olhares para o todo, pensar na festa, na cultura, num sentimento de pertencer em meio ao diverso e ao mesmo tempo ao complexo, pois são muitas as realidades de cada sujeito.

A festa quando organizada e dirigida pela população local democraticamente tende a ser um espaço de mobilização e conscientização social. Não existem pessoas melhores do que a própria comunidade para fazerem acontecer uma festividade em um determinado lugar.

No ano de 2011, mesmo sem a confirmação de contribuição financeira por parte do poder público, a comunidade se reúne e busca seus meios, tática e estratégias, de fazer a festa acontecer. A festividade para essas pessoas tem um significado particular e ao mesmo tempo coletivo e diverso. Seja porque é a memória de antepassados, que por anos mantiveram a tradição; porque alimenta a identidade com o lugar; por ser espaço propício para autopromoção; ou lugar que divulga grupos e manifestações culturais; seja espaço onde as regras são modificadas e a ludicidade é experimentada; ou sirva de fonte extra de renda; como também por ser espaço de socialização entre moradores e destes com pessoas de fora do bairro. Entre tantas outras motivações... Para Amadeu, o desafio é

justamente superar as questões todas de competição, de concorrência, porque o grande lance que é a cooperação que a gente vê a grande festa marcada pelas diversas expressões culturais, às vezes as pessoas internamente desejam e até fazem alguma coisa pra que a expressão não brilhe tanto quanto a dele. Claro que tem a coisa saudável, do cara competir pra ser, pra estar bem, mas não em detrimento do outro. Acho que o grande lance é a gente conseguir superar essas questões que são de ordem de orgulho, da inveja do outro, da coisa de você só querer olhar pro umbigo, pra ver a festa de Itapuã se transformar num grande desfile da riqueza cultural do bairro. (Amadeu).⁷

Nesse sentido, a lavagem também é uma disputa de interesses, de poder. E se assemelha com o passado, quando negros oriundos de vários lugares da África foram colocados juntos e por não conseguirem se entender, se comunicar, além das intrigas que cada tribo já trazia de sua terra, tinham dificuldade em se unir, se mobilizar, para tentar mudar a realidade a qual passavam. Hoje, isso parece perdurar de outra forma a partir dos valores da modernidade como a individualidade.

Essas disputas de poder se dão, pois o espaço da festa é um momento propício para divulgação. Ela é o palco público dos grupos que habitam Itapuã e também daqueles que querem obter algum proveito no local. É possível fazer um paralelo da festa da lavagem de Itapuã com o espetáculo do circo estudado por Magnani (2003, p.57) no qual o autor diz que não é suficiente observar as reações dos espectadores - no caso, os participantes da festa no decorrer do evento, mas no seu cotidiano.

Duvignaud (1983, p. 67) diz que as festas coletivas podem vir a se confundir com ilustrações de poderio ou de prestígio quando são abaladas por mudanças ou transformações causadas pelo contato intercultural, podendo vir a resultar numa “modificação interna, destruidora da cultura estabelecida.” E isso tem relação direta com a maneira que a comunicação, o diálogo se dá.

Uma percepção da vivência em campo, junto às respostas das entrevistas mostrou que os grupos na comunidade de Itapuã podem se ajudar mais ao buscarem pontos convergentes, sendo interessante para o lugar que as pessoas, grupos e instituições busquem ações integradas, parcerias, colaborações, porque se um grupo

⁷ Morador de Itapuã desde que nasceu, é músico, compositor, gestor cultural e atual coordenador da Casa da Música. Além disso, participa do grupo As Ganhadeiras de Itapuã, e é aluno da UFBA no curso de Humanidades. Entrevista concedida no dia 31 de outubro de 2011.

crece dentro do lugar, a tendência é que todos também colham os frutos desse crescimento.

A não garantia dos recursos financeiros provenientes da prefeitura obrigou a comunidade a descobrir uma maneira de fazer acontecer a festa. Conta Rose⁸ que a sua presença nessa comissão se deu ao saber de rumores no bairro que diziam que a lavagem não iria acontecer ou não aconteceria de forma satisfatória devido à questão da Bahiaturisa não se dispor a pagar as baianas que iriam sair no cortejo, achando isso um desaforo, a lavagem de Itapuã ter mais de 100 anos e a participação das baianas ser apenas mantida por um valor simbólico.

Essa questão das baianas é apenas um exemplo em tantos outros, pois, nesse caso, não eram pessoas voluntárias e da comunidade local que se apresentavam enquanto personagens da festa, eram baianas contratadas as atrizes principais. Ou seja, ao invés de fortalecer o movimento cultural na comunidade, o pagamento de pessoas de fora gerou desentendimentos e muitas brigas.

Além disso, observou-se que em Itapuã falta a experiência de discussão democrática durante as reuniões de organizações, pois muitas discussões saíam da temática da lavagem, alguns participantes pediam a fala para fazer discursos, se promovendo, outros aproveitavam para retratar problemas do bairro, alguns discursavam querendo a sua parte do dinheiro a ser enviado pela prefeitura, entre outras tantas falas que demonstravam muito mais uma preocupação individualista do que com o coletivo. E em meio a tantos discursos vazios e sem perspectiva de contribuição, muitos valorizando e reivindicando a questão do dinheiro, algumas pessoas tinham momentos de lucidez para alertar da importância daquela reunião.

Bujão, um dos responsáveis pela comissão de organização, diz que a verba provinda do poder público tem provocado transtornos, porque os recursos nunca chegam na época certa e isso acaba prejudicando a organização do festejo, que fica sem a quantia mínima para fazer acontecer a lavagem; relata que no ano de 2011 foram elencadas nas reuniões níveis de prioridade e que o dinheiro recebido seria gasto apenas com o que fosse necessário, com o que fosse tradicional e o resto, como os grupos, deveriam por conta própria, da sua maneira, se organizar para conseguir os recursos.

Esses espaços da tradição contêm ensinamentos e formas de fazer passados de geração em geração que são, portanto, espaços não conformes a essa racionalidade

⁸ Neta de Dona Cabocla - compositora e cantora conhecida no bairro, Rose é graduada em Arquitetura e Urbanismo, fez parte da comissão organizadora da lavagem no ano de 2011, saindo junto ao cortejo das baianas. Entrevista concedida no dia 13 de novembro de 2011.

opressora. Por isso, Ulysses⁹ diz que a comunidade vem mantendo as suas tradições *porque a gente é persistente. A gente não deixa tomarem tudo, a gente tem uma guerra, uma luta, pra sempre manter aquilo*. Ele revela como vem tentando fazer isso, ensinando, mostrando aos seus familiares como e porque tudo acontece, contando as histórias que ele sabe para que um dia sejam recontadas para a geração seguinte.

A efervescência cultural, que precede a lavagem nos finais de semana, é animadora. Diversos grupos promovem uma série de eventos e feijoadas para arrecadar fundos para as despesas do desfile, cada um com a sua tática. O dia da festa é o mais esperado por muitas entidades no bairro, pois além de mostrarem o seu trabalho, participam da festa de forma lúdica e comemorativa.

A organização e execução de táticas diversas são fundamentais para que os moradores possam ver a festa acontecer. Os envolvidos se movimentam para deixar tudo nos conformes. Algumas disputas e obstáculos aparecem no meio do caminho, mas nada impede a celebração. E não se pode esquecer que os interesses na festa são diversos e que artes de fazer baseadas na mobilização coletiva podem continuar existindo guiadas pela criatividade, utilizando-se da solidariedade.

Assim, esse processo de mobilização comunitária e de produção cultural nada mais é que um processo de humanização da comunidade e demais envolvidos. É um espaço de educação política e até mesmo econômica de como gerir e lidar com recursos financeiros destinados à cultura, pois exercita a cidadania, põe os sujeitos em discussão para decidir o melhor para todos ou para a maioria, sendo estes estimulados a buscar meios para fazer acontecer seus projetos, ações, eventos, e manifestações, sejam estes com apoio do governo, outras instituições, exclusivamente dos próprios moradores locais ou de uma parceria de todos os mencionados. Ou seja, no sentido da sustentabilidade da festa, que reflete durante todo o ano no lugar, antes, durante e depois do dia do evento e consequentemente fortalece aspectos identitários.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas populares na cidade de Salvador são meios de reunir os bairros e suas comunidades ao mesmo tempo em que são espaços que fortalecem o sentimento de

⁹ Morador nativo de Itapuã desde 1941, hoje aos 70 anos, além de ter sido pescador, pedreiro e ser atualmente músico, é fundador de uma série de grupos, a exemplo do Ilê Aiyê e do Filhos de Gandhi. Entrevista concedida no dia 02 de novembro de 2011.

pertencimento através dos aprendizados gerados pela convivência das pessoas com a história, grupos e símbolos, que representam a cultura local, mas precisam ter sentidos e significados para que os seus participantes as frequentem em função de uma conscientização sobre a realidade de maneira crítica e humana através das interações sociais. Elas são uma maneira de aprender sobre a história, bebendo na fonte da ancestralidade e da memória sobrevivente da cultura popular do lugar. São momentos que também proporcionam a autoafirmação identitária. São espaços de confraternização comemorativa e lúdica. São espaços de educação política e econômica. Ou seja, são momentos vividos em sua complexidade na qual aprendizados acontecem e os sujeitos nem percebem que estão aprendendo.

As festas são, por sua vez, um meio potencial de acolhimento para que recém chegados moradores possam desenvolver um sentimento de pertencimento através da interação e convivência, criando novos significados pessoais a partir dos significados coletivos, traduzindo o que existe de tradição numa concepção particular. No entanto, para que isso venha a acontecer, é preciso que as comunidades estejam abertas à diversidade, que pode aparecer em meio às suas tradições.

O impacto da festa estabelece conexões diversas, provocando mudanças sociais, políticas, educacionais, organizacionais e econômicas. A Festa de Itapuã é uma prática social de gerações e tem sido realizada mediante a utilização da própria força de trabalho e a mobilização dos recursos disponíveis tanto na comunidade como provindas do poder público. O que se percebe é que a mudança na forma de organizar a Lavagem influenciou nas relações sociais que sofreram com o reflexo do lado econômico, na qual inicialmente a maneira de fazer o evento acontecer era de forma compartilhada entre os membros da comunidade e com o passar do tempo, com a inserção de mais colaboradores como o Estado, com a quantia em dinheiro, acabou necessitando de uma nova estruturação e amadurecimento da comunidade para lidar com isso, que vem sendo buscado no cotidiano compartilhado, nos entretempos que renovam o sentido do que é comum a todos para dar continuidade às tradições e eventos.

Dessa forma, faltam políticas culturais mais eficazes no sentido de preparar os sujeitos para lidar com os recursos tanto materiais como imateriais das cidades, de maneira ampla, mas também dos próprios bairros, de maneira localizada. Portanto, a festa e outros eventos culturais são de extrema importância para a aproximação das pessoas, lugar para criar e fortalecer o espírito identitário, espaço para o exercício da cidadania, *locus* de aprendizados diversos, espaço que incentiva e divulga associações

civis, artísticas e culturais, local em que as regras diárias podem e são modificadas a partir das vivências com o contexto global, o cotidiano local e pressões de ambas as partes.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BETTO, Frei; FREIRE, Paulo. **Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/Uneso, 2003.

SANTOS, Eufrázia C. M. **Performances culturais nas festas de largo da Bahia**. [s.l.]: Anpocs, 2006. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a40-esantos.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2011.

SANTOS, Milton. **Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SERRA, Ordep. **Rumores de festa: “o sagrado e o profano na Bahia”**. Salvador: Edufba, 1999.